

— Você está dizendo que isso conta como férias para mim? — Isso mesmo. — Acho que vou largar a faculdade. Na manhã seguinte, Árion chegou à porta da Guilda dos Aventureiros carregando a dragão prateada ainda sonolenta. Cerca de dez pessoas já estavam reunidas — todos participantes da missão para exterminar o covil de goblins. Como era um trabalho em maior escala, o grupo era maior que o normal. Árion analisou os rostos rapidamente. [Parece que quase nenhum deles tem habilidade real...] Isso era bom. Assim, não teria que dividir os espólios depois. Com a Rainha Prateada dos Dragões ao seu lado, destruir um covil de goblins seria tão fácil quanto jogar no modo iniciante. — Ei, onde a gente está? — Zexia esfregou os olhos, ainda meio grogue. — Na Guilda. Vamos partir logo. Você ficou até tarde lendo de novo, não foi? A dragão bocejou. — Tô com fome. Tem algo pra comer? Árion pegou um sanduíche de presunto e ovo da mochila, preparado na noite anterior por Serena para a viagem. — Aqui, come isso. Também trouxe uns lanches... Ei, porra, não morde minha mão! Sonolenta, a influência do aroma da carne foi mais forte. Zexia abocanhou instintivamente em direção ao cheiro — e mordeu o pulso de Árion. Ao perceber o erro, a dragão fez cara de nojo e limpou a língua. — Não dá pra morder os outros e ainda fazer essa cara, sua dragão maldita! — ele resmungou mentalmente. Estava prestes a pegar um lenço para limpar a baba no pulso quando lembrou das palavras do alquimista: [Uma colher de saliva de dragão vale dois ouros.] — Será que devo guardar...? Balançou a cabeça e limpou o braço. — Não, que nojo. — Ei, cadê meu livro? — Zexia perguntou, mastigando o sanduíche. — Trouxe — ele respondeu, entregando-o. Enquanto a dragão lia e comia, Árion notou os olhares de outros aventureiros se voltando para eles — ou melhor, para Zexia. — Cara, não tô enxergando mal, aquilo é um meio-dragão, né? — Por que um sangue-dragão pegaria uma missão tão bosta? — Olha a cor do cabelo... Será que é da família Achnor? — Ouvi dizer que esses caras são fudas. Bora relaxar e deixar ela fazer tudo. Árion franziu a testa. [Deveria ter disfarçado ela antes.] Um meio-dragão chamava atenção demais. Nesse momento, alguém tossiu alto e subiu numa plataforma improvisada. Era um jovem de cabelo penteadão pra trás, armadura de couro extravagante e uma espada nas costas. — Senhoras e senhores! — anunciou, inflando o peito. — Bom dia! Meu nome é Charl Wood, um cavaleiro errante. Como muitos aqui devem se conhecer pouco, quero ressaltar: esta missão é perigosa! Precisamos nos unir e ajudar uns aos outros! Que possamos celebrar com cerveja depois! O discurso terminou. O silêncio foi quebrado por murmúrios. — Quem é esse otário? — Sei lá. — Só um adolescente metido a besta. Charl desceu e se aproximou de Zexia, fazendo uma reverência desengonçada. — Nobre dama dragão, ter você como companheira de missão é uma honra. Poderia me conceder o privilégio de saber seu nome? Zexia ignorou-o, focada no livro e no sanduíche. Risadas ecoaram. Charl insistiu, suando frio. — Dama dragão...? — Tch. — Ela ergueu os olhos do livro, pupila dourada estreitando. — Cale a boca, humano barulhento! O jovem recuou, quase caindo. — D-desculpe interromper o seu café da manhã... — gaguejou, fugindo. Árion suspirou. [Era melhor ter escondido ela mesmo.] Na escuridão úmida do covil, Susan era arrastada por dois goblins robustos. Jogada no chão, ela se levantou com dificuldade. À sua frente, vultos se moviam nas sombras. Um deles se revelou. — Querido! — Susan gritou, correndo para o marido, o velho Mac, chefe da vila de Baka. O homem de 54 anos ergueu o rosto, lágrimas escorrendo. — Susan... Querida... Eu... já não sou mais puro... — O que? Um vulto enorme surgiu atrás dela — o Rei Goblin. Obeso, vestindo um saiote de pele e um colar de caveiras, ele segurava um cajado de madeira negra. — Seu marido é teimoso — rosnou, mostrando dentes amarelos. — Mesmo depois de ser "penetrado", não quis revelar onde está o tesouro... Mac soluçou. O rei virou-se para Susan, tremendo. — E você? Ela olhou para o marido e cerrou os punhos. — Eu... eu também não vou contar. O goblin sorriu, excitado. — Ótimo. Deixe-me contar um segredo... Inclinou-se, baixando a voz: — Adoro mulheres casadas. Principalmente... maduras como você. [Capítulo 34: O Covil dos Goblins]— Então quer dizer que o tal do velho Mac, o líder da vila, na verdade era um nobre decadente e ainda escondia uma relíquia sagrada em casa? — Yalo organizava as informações que acabara de ouvir enquanto a carroça balançava na estrada esburacada. O velho Mac fora um nobre no passado, mas após perder sua fortuna, se isolou na vila de Baka. Mesmo assim, algumas preciosidades de seus tempos de nobreza ainda estavam guardadas, incluindo um artefato mágico extremamente valioso. Ninguém sabia exatamente o que era nem onde

estava escondido. Esses detalhes vieram do filho mais velho, que conseguiu escapar. Com a família toda capturada, ele acabou revelando o passado do pai. Ele acreditava que o ataque dos goblins tinha a ver com esse segredo. Provavelmente os monstros descobriram sobre o tesouro e sequestraram o velho Mac para ficar com a relíquia.— Se ele conseguiu oferecer um celular como recompensa, que tipo de tesouro incrível deve estar por trás disso? — Yalo pensou, olhando para o teto da carroça. A propósito, aquele celular era do velho Mac. Será que ele também era um viajante como eu? Um herói do celular? Não, espera... O filho mais velho disse que o aparelho só apareceu um ano atrás. Yalo sentiu a cabeça doer de tanto pensar e decidiu descansar, encostando-se na lateral da carroça. Ao seu lado, Zexia lia um livro em silêncio. Desde que descobriu a paixão por romances humanos, a dragão prateada estava cada vez mais tranquila. Antes, ela reclamava até de andar de carroça. O livro se chamava "A Saga do Herói Dragão que Destruiu o Mundo" — pelo título, parecia uma história bem sombria. Mesmo assim, Zexia parecia encantada. Quando a carroça parou, o grupo havia chegado aos arredores da Floresta das Águas Negras, uma famosa região do Reino de Will repleta de monstros — nos jogos, seria considerada uma masmorra de dificuldade alta. Os aventureiros desceram, prepararam seus equipamentos e começaram a avançar mata adentro. Enquanto caminhavam pela trilha, os comentários começaram:— Segundo as informações, o esconderijo dos goblins fica na colina a noroeste, uns dez quilômetros daqui.— Ei, ouvi dizer que goblins são inteligentes. Será que não vão nos ver e preparar uma emboscada? — perguntou uma clériga, parecendo nervosa. Um tal de Charl bufou:— Relaxa, eu tenho poder de mago de nível Cristal. Se acontecer algo, eu te protejo.— Sério? — A clériga, ingênua, se aproximou dele. Um guerreiro musculoso de pele bronzeada deu sua opinião:— Ora, no fim das contas são só bichos. Por mais inteligentes que sejam, como podem se comparar a humanos?— Exato! Vamos resolver isso rápido. Depois dessa missão, ainda tenho que voltar para me casar com a Xiao Fang.— São só uns goblins. Nunca conseguiriam vencer humanos. O clima no grupo era descontraído, quase festivo. Yalo e Zexia caminhavam no final da fila, ouvindo tudo. Ele não conseguia se livrar da sensação de que já tinha visto essa história em algum lugar...